

E0007
PRES



EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - **EMBRAPA**



EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA

Vinculada ao Ministério da Agricultura

III SEMINÁRIO Y I CONGRESSO LATINOAMERICANO DE
CIENCIA Y TECNOLOGIA DE ALIMENTOS, BUENOS AIRES

05 a 08 de Novembro de 1979

AGROINDÚSTRIA ALIMENTAR NA CONJUNTURA BRASILEIRA

ÁGIDE GORGATTI NETTO
Diretor Executivo da EMBRAPA

EMBRAPA/Departamento de Informação e Documentação
Brasília
1979

1965-1



EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura

III SEMINÁRIO Y I CONGRESSO LATINOAMERICANO DE
CIENCIA Y TECNOLOGIA DE ALIMENTOS, BUENOS AIRES

05 a 08 de Novembro de 1979

AGROINDÚSTRIA ALIMENTAR NA CONJUNTURA BRASILEIRA

ÁGIDE GORGATTI NETTO
Diretor Executivo da EMBRAPA

EMBRAPA/Departamento de Informação e Documentação

Brasília

1979

SUMÁRIO

	pág.
RESUMO.....	3
1. <u>INTRODUÇÃO</u>	5
2. <u>O QUE SE ENTENDE POR AGROINDÚSTRIA ALIMENTAR</u>	6
3. <u>EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS NO BRASIL</u>	8
4. <u>ESTRUTURA DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS</u>	11
4.1. <u>Tamanho</u>	11
4.2. <u>Localização geográfica</u>	12
5. <u>EXPORTAÇÃO DE ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS</u>	14
6. <u>A AGROINDÚSTRIA ALIMENTAR E A POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVI- MENTO</u>	16

AGROINDÚSTRIA ALIMENTAR NA CONJUNTURA BRASILEIRA*

ÁGIDE GORGATTI NETTO
Diretor Executivo EMBRAPA

RESUMO

O setor agroindustrial alimentício teve início no Brasil no período colonial com os engenhos de açúcar e, logo após, desenvolveu, também, a indústria para o aproveitamento do caroço do algodão visando a produção do óleo comestível.

A evolução da indústria brasileira de alimentos foi constante, embora em diferentes épocas o seu crescimento não tenha se verificado às mesmas taxas experimentadas pelo setor de transformação industrial.

Atualmente, ocupa posição de destaque dentre as indústrias de transformação, apresentando valor da produção da ordem de Cr\$ 200 bilhões e empregou, em 1977, aproximadamente 500 mil trabalhadores. Estas cifras posicionam a indústria agroalimentar como sendo a de maior peso dentre os demais componentes do setor de transformação.

Não obstante sua importância, enfocada sob a ótica social, é outra vez uma condicionante econômica que o destaca, qual seja: a expressiva participação no valor global das exportações realizadas pelo País, situando-se em torno de 27% sua contribuição.

A estrutura interna do setor mostra que, da estimativa de 60 mil empresas, produtoras de alimentos no Brasil, a grande maioria é constituída de unidades de pequeno e médio porte. Outro fato a se observar é a sua distribuição geográfica, pois existe uma predominante concentração nos estados do sul e sudeste.

*Palestra proferida no 3º Seminário y 1º Congresso Latinoamericano de Ciência y Tecnologia de Alimentos. 05 a 08 de Novembro, 1979 - Buenos Aires.

O setor agroindustrial de alimentos tem recebido, por parte do governo, incentivos através de programas específicos que contemplam a indústria de produção de insumos agrícolas, o beneficiamento e industrialização. Estes instrumentos foram operacionalizados mais efetivamente a partir do final da década dos anos 60, cujo objetivo maior, na época, era o de expansão das exportações.

Atualmente, no panorama geral da economia brasileira, a agroindústria tem merecido justificadas preocupações governamentais, tendo em vista a contribuição que pode dar ao desenvolvimento econômico nacional.

Na atual política global, que consiste na redução da taxa de inflação, expansão da oferta de empregos e aumentos das exportações, o setor agroindustrial, em compasso com a agropecuária, desempenha relevante papel.

Em síntese, a atenção voltada ao setor agroindustrial justifica-se, pois o setor pode responder imediatamente aos estímulos recebidos, contribuindo para:

- . agregar valor ao produto agropecuário, permitindo uma expansão na receita de exportação e uma ampliação e diversificação nas opções de participação do mercado externo;
- . preservar a produção agrícola perecível, evitar perdas, permitir a estabilização de preços através da formação de estoques e redução da amplitude de sazonalidade da oferta e
- . gerar empregos nas proporções requeridas pela demanda, já que o setor, comparativamente aos demais, é o que requer menores dotações de capital.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva posicionar o setor agroindustrial alimentar no contexto econômico da atual conjuntura brasileira. Para que se possa bem entender o seu importante papel, é oportuno que apresentemos sua evolução histórica, que o enquadremos em termos conceituais, visando um dimensionamento que nos permita efetuar o seu posicionamento em relação aos demais setores do conjunto econômico da nação, e que, à luz da complexidade atual dos problemas enfrentados pela sociedade brasileira, sua atuação seja reestudada e redirecionada com vistas ao atendimento das necessidades da população brasileira como um todo. Acrescente-se ainda que esta reorientação, tão necessária ao setor, se faz também em virtude do próprio redirecionamento da política econômica global.

Portanto, na política de combate à inflação, a agroindústria alimentar deve desempenhar seu papel na medida em que possibilita que o aumento da oferta de alimentos, verificado na produção agrícola, possa ser conduzido através dos canais de comercialização e alcançar o consumidor final, onde os incrementos na oferta devem realmente provocar a baixa nos preços. Ao lado desse aspecto quantitativo, há que salientar aquele qualitativo referente à melhoria da nutrição por intermédio do aumento da produção de alimentos básicos de elevado valor nutritivo e sua transformação em formas que permitam seu melhor aproveitamento.

Na busca de soluções para os desequilíbrios da balança de pagamentos, um duplo desempenho pode-se esperar do setor agroindustrial, a obtenção de um número crescente de divisas ao se agregar valor à produção agropecuária através do processamento e, por outro lado, a redução do dispêndio de divisas através de soluções tecnológicas que permitam substituição de alguns produtos, hoje importados em larga escala pelo País.

Sendo o setor agroindustrial um dos maiores geradores de empregos, adicionalmente contribui, também, para a fixação do homem nas zonas rurais, viabilizando a política de descentralização industrial que pode vir a colaborar na contenção ou mesmo no disciplinamento das migrações internas que vêm provocando um explosivo crescimento dos grandes centros urbanos do País, com os já conhecidos e repugnáveis efeitos sociais.

2. O QUE SE ENTENDE POR AGROINDÚSTRIA ALIMENTAR

No contexto deste trabalho, entende-se por agroindústria alimentar aquele setor da economia que se utiliza da matéria-prima oriunda do setor agropecuário, transformando-a ou conservando-a para fins de alimentação humana. Este conceito objetiva esclarecer que existe uma profunda interligação entre a agricultura e o setor de transformação e que as políticas econômicas, definidas para o setor agropecuário, devem ter sua correspondência no segmento seguinte para que as metas propugnadas sejam alcançadas.

É evidente a importância do setor agroindustrial na economia brasileira, absorvendo 21% do total do pessoal ocupado nas indústrias de transformação e participando com 23% no valor da produção para o ano de 1974.

A indústria de produtos alimentares é, de longe, a que mais se destaca, não só no setor agroindustrial mas, também, no setor industrial de transformação.

QUADRO 1 - Setor agroindustrial - 1974

Agroindústria	Pessoal Ocupado	%	Valor da Produção (Milhões de Cr\$)	%
Prod. Alimentares	412.000	56,5	83.058	66,6
Madeira	162.433	23,3	13.054	10,5
Bebidas	51.710	7,1	6.903	5,5
Papéis	38.364	5,3	8.076	6,5
Couros	21.181	2,9	2.145	1,7
Têxteis Naturais	20.464	2,8	6.492	5,2
Fumo	19.739	2,7	3.838	3,0
Borracha Natural	3.405	0,4	1.145	1,0
TOTAL AGROINDÚSTRIA	729.296	100	124.711	100

Fonte: IBGE: Anuário Estatístico, 1976.

Portanto, como pode ser observado no Quadro 1, a estrutura interna do setor é de predominância da agroindústria alimentar que, con juntamente com os subsetores madeira e bebidas são responsáveis por 86% e 83% de força de trabalho e valor da produção dos setores, respectiva mente, sendo os demais pouco expressivos, tendo em vista os indicadores econômicos utilizados.

3. EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS NO BRASIL

A partir de 1920, o modelo tradicional primário-exportador adotado no Brasil entra em crise, cedendo lugar ao de substituição de importações em face das dificuldades advindas com o evento da 1ª. Guerra Mundial. A indústria responde ao estímulo e expande-se a atividade manufatureira no País com o objetivo de atender à demanda do mercado interno.

O conhecimento tecnológico acumulado na fase primário-exportadora era por demais limitado para a produção dos bens antes importados, composto de algumas atividades agroindustriais, de uma infra-estrutura voltada para a exportação e de serviços básicos aos núcleos urbanos.

No início do processo de substituição de importações, acelerou-se o desenvolvimento de indústrias tradicionais, dentre as quais aquela voltada ao processamento de alimentos, que apresentou um grande incremento de unidades produtivas, principalmente nos setores de laticínios, no Estado de Minas Gerais, de produtos cárneos, no Rio Grande do Sul, e de conservas alimentícias em geral, no Estado de São Paulo.

O estímulo à diversificação da atividade interna substituída de importações persistiu nas décadas seguintes. Saliente-se que, devido o atraso relativo da indústria nacional de alimentos, em confronto com uma demanda acostuada a certa classe de alimentos importados, foi necessário que se fizesse a importação de tecnologia incorporada a máquinas, e mão-de-obra qualificada, para que se alcançasse, no País, maior semelhança possível aos alimentos importados.

Assim, verifica-se, na década dos anos 40s, um modesto crescimento global da indústria de alimentos (3% ao ano), apresentando-se esse crescimento bastante desigual nos subsectores da indústria alimentícia. Alguns, como o das refinadoras de óleos vegetais, expandiram-se a uma taxa de 4% ao ano, enquanto outros mais tradicionais, como o de produtos de origem animal, sofreram uma estagnação e mesmo um declínio em idêntico período.

Deve-se salientar que, apesar da pequena expansão do setor na década mencionada anteriormente, verificou-se o desenvolvimento das

Indústrias vinculadas ao beneficiamento, torrefação e moagem de cereais, assim como ocorreu a consolidação das indústrias de conservas de frutas e legumes.

Na década dos 50s, a indústria de alimentos conseguiu recuperar-se, marcando um impulso definitivo a partir de 1955, com o expressivo surto de industrialização que se processava no País. Esse processo de industrialização levou a uma aceleração do processo de urbanização iniciado na década dos 20s, determinando uma elevação do consumo de alimentos industrializados. Entretanto, a indústria de alimentos não apresentou a mesma dinâmica do processo de desenvolvimento então vigente.

As mudanças mais relevantes somente se fizeram sentir na década dos 60s, quando foram introduzidas novas técnicas de conservação e aperfeiçoamento nos processos de embalagem dos produtos. Neste período, verificou-se um aumento expressivo da parcela industrializada das seguintes matérias-primas: leite, carne, cereais e pescado.

Somente nos últimos 10 anos a indústria de alimentos ganhou impulso. Assim, segundo o IBGE, em 1974 a indústria ultrapassava, em termos de valor global da produção, todos os demais setores da indústria de transformação, colocando-se também em 1º lugar quanto ao número de empregados.

QUADRO 2 - Valor da produção, número de empregados nas seis maiores indústrias de transformações do Brasil - 1974

Indústria	Valor da produção (Cr\$ milhões)	Número de Empregados
Alimentação	83.059	412.080
Têxtil	41.039	354.304
Metalúrgica	74.612	405.347
Material de Transporte	46.827	204.434
Química	77.248	138.963
Mecânica	38.772	337.002
Outros	165.107	1.544.639
TOTAL	526.664	3.396.769

-Fonte: IBGE - Anuário Estatístico, 1976.

Avalia-se que, em 1975, o produto bruto da indústria tenha sido de Cr\$ 100 bilhões e o número de empregados de 450 mil. Para o ano de 1977, esses números situaram-se em torno de 500 mil empregos diretos e o valor da produção em Cr\$ 200 bilhões.

O impulso observado na indústria de alimentos ocorreu com a intensa diversificação de produtos, exigida pelo mercado, representado pelas faixas da população urbana, de rendas entre média e alta. Concomitante a esse desenvolvimento, observou-se a melhoria da qualidade dos alimentos industrializados, a preocupação crescente com embalagens e rótulos mais atrativos, e com a aplicação das modernas técnicas de marketing na comercialização dos produtos.

4. ESTRUTURA DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS

4.1. Tamanho

Avalia-se que cerca de 60 mil empresas produzem alimentos no Brasil, sendo a grande maioria de porte pequeno e médio, como se constata pelo Quadro 3.

QUADRO 3 - Distribuição percentual das fábricas de alimentos, segundo o tamanho

	Nº de firmas (%)			Nº de empregos (%)		
	Pequenas	Médias	Grandes	Pequenas	Médias	Grandes
Alimentos	36	45	19	17	45	38
Todos os setores de transformação	26	32	42	33	34	33

Fonte: IBGE - Apresentação em NEGÓCIOS EM EXAME

As pequenas e médias empresas têm competido com as grandes no mercado de alimentos, em condições desiguais. São apontados como principais problemas da pequena empresa: a falta de capacidade gerencial e as dificuldades de acesso ao crédito. Carentes de recursos, sem quadros profissionais capazes de desenvolver tecnologia própria e enfrentando dificuldades para importar, grande parte delas se depara com problemas para se expandir. Uma saída encontrada tem sido a compra de tecnologia dos países desenvolvidos que, apesar de cara, ainda é menos dispendiosa do que os custos advindos de pesquisa e o desenvolvimento de novos produtos. Além disso, não envolve, também, riscos financeiros.

Porém, a grande maioria das pequenas empresas permanece à margem do processo de desenvolvimento tecnológico. Esta compõe o grupo das pequenas fábricas chamadas de "fundo de quintal", que opera com um número reduzido de empregados, utilizando, na maior parte das vezes, processos de produção os mais rudimentares.

Para as grandes empresas (19% das fábricas de alimentos), os problemas existentes nas pequenas e médias inexistem ou são contornados. Dispondo de capital e garantias a oferecer nos projetos de expansão, de modernização, e de elevada capacidade gerencial de seus dirigentes, sua posição tem-se firmado no setor alimentício, conquistando crescentes parcelas do mercado e promovendo o desenvolvimento tecnológico do setor.

Na verdade, o recente impulso do setor verificou-se, basicamente, graças às grandes empresas, ao grau de tecnologia empregada, e ao constante investimento para aumento da produtividade.

Verifica-se, portanto, a existência de um setor moderno, no qual predominam as grandes empresas que apresentam amplo dinamismo e desenvolvimento tecnológico, e uma faixa constituída pela maioria das empresas (pequenas e médias) que permanece à margem desse desenvolvimento.

Sob o prisma de modernização tecnológica do setor, ficam claras as dificuldades encontradas pelos organismos responsáveis em delinear programas que objetivem modernizar um setor altamente atomizado.

4.2. Localização geográfica

Outro aspecto peculiar da indústria de alimentos é a sua distribuição geográfica. Cerca de 60% da produção brasileira provém de fábricas sediadas no Estado de São Paulo, onde se concentram, também, as indústrias alimentícias mais evoluídas. Em termos de pessoal ocupado e número de estabelecimentos, esta concentração se verifica de 31% e 25%, respectivamente.

Das 100 empresas com patrimônio líquido mais elevado (Figura 1), 71 estão localizadas na Região Sudeste, ressaltando-se a grande concentração existente nos Estados de São Paulo (cinquenta e cinco) e Rio de Janeiro (onze).

Apesar de os centros principais de consumo localizarem-se, principalmente, no triângulo São Paulo-Rio-Belo Horizonte, onde há maior poder de compra, a concentração de empresas em São Paulo eleva os custos de transporte e comercialização, encarecendo os produtos alimentícios em outras regiões do Brasil.



FIGURA 1. Distribuição geográfica das 100 maiores empresas da indústria de alimentos no Brasil.

FONTE: VISÃO: 1975

5. EXPORTAÇÃO DE ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS

O açúcar demerara vinha sendo, até anos recentes, o principal produto da indústria de alimentos nas exportações brasileiras. Sua exportação estava alcançando taxas de crescimento anual bastante elevadas, principalmente até 1975, devido à escassez da oferta no mercado internacional do produto.

Observa-se, porém, na última década, que o perfil das exportações de alimentos industrializados tem-se modificado no sentido do aumento da exportação de bens "acabados" e uma diversificação de produtos.

Como se verifica, as exportações da indústria de alimentos não vêm apresentando o mesmo ritmo crescente observado no início do período mas, mesmo assim foi responsável, em 1978, pela parcela de 27,3% do valor das exportações brasileiras.

Aos produtos básicos coube uma participação de 9,5%, em 1978, do valor global das exportações.

As exportações de resíduos da indústria de alimentos para alimentação animal (primeiro posto das exportações da indústria alimentícia) apresentaram-se crescentes e observa-se um potencial de expansão para os próximos anos, devido à industrialização e à exportação de subprodutos da indústria alimentícia (polpa, cítrica, resíduos da extração de óleos de soja, algodão, tortas, farelos, etc).

Os alimentos industrializados ("acabados") contribuíram com 15,1% do valor das exportações de 1978, parcela que vem apresentando-se crescente.

As gorduras animal e vegetal e os óleos contribuíram, em 1978, também, nesse segmento, com a significativa parcela de cerca de 27% dentre outros produtos industrializados. Outros produtos que se destacaram em valor foram: café solúvel (18%); açúcar e produtos de confeitaria (9%); cacau e suas preparações (20%) e suco de laranja (18%).

Dentre os alimentos industrializados, figuram vários que necessitam de tecnologia bastante moderna no processo industrial. Citam-se como exemplos: o suco de laranja, o café solúvel e alguns produtos cárneos. Apesar de outros produtos exportados necessitarem de processos menos sofisticados de fabricação, eles têm podido concorrer no mercado internacional, principalmente devido ao aprimoramento da sua qualidade aliado à manutenção dos níveis de preços (a política de incentivos governamentais à exportação), assim como as vantagens comparativas apresentadas por alguns produtos agropecuários.

6. A AGROINDÚSTRIA ALIMENTAR E A POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO

Como resultante do Modelo Econômico adotado a partir dos anos 60, modelo este voltado para a conquista de parcelas crescentes do mercado internacional, a agroindústria de grande porte e a agricultura de exportação acusaram significativas taxas de expansão, pois os mecanismos e instrumentos econômicos acionados pelo Estado vieram a beneficiar principalmente estes dois segmentos econômicos. Em complementação, no final da década dos 60, programas foram regionalizados e destinavam-se basicamente ao financiamento de projetos de implantação e/ou expansão de agroindústrias (industrialização e beneficiamento de produtos agropecuários) e financiamento para expansão da produção de insumos, máquinas, tratores e implementos agrícolas necessários ao setor produtivo rural. Alguns programas chegaram até a contemplar a modernização e reequipagem dos principais terminais marítimos de exportação.

A nível estadual, dentro desse mesmo período, programas agroindustriais foram traçados e implantados principalmente nos seguintes Estados: Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Os programas estaduais guardam as mesmas características que aqueles definidos e implementados a nível federal.

Na definição da atual política econômica do País, foi reservado à agricultura um papel preponderante. Dentro deste contexto cumpre à agricultura contribuir para a maioria das soluções dos problemas hoje enfrentados pela sociedade brasileira. Pode-se mencionar, rapidamente, que ao setor agropecuário compete parcela de responsabilidade no combate à inflação através do aumento da oferta de alimentos básicos; contribui, também, na expansão da oferta de empregos, através de soluções de tecnologia agrícola que visem maior utilização de mão-de-obra rural; é, também, uma das fontes alternativas de energia através de pesquisas que permitam a substituição das tradicionais pelas alternativas de origem vegetal; contribui, ainda, para a melhoria da nutrição e, finalmente, contribui para o equilíbrio da balança de pagamentos, diversificando as exportações e agregando valor aos produtos básicos pela industrialização visando o aumento das receitas de exportação por um lado e, por outro, pos

sibilitando a substituição de alguns produtos em larga escala.

A concretização de uma política como a preconizada deverá, necessariamente, ser conduzida sob o enfoque agroindustrial a fim de permitir que a plena exploração das potencialidades econômicas de cada produto seja levado à cabo, e que, também, a própria política global não se ja inviabilizada. Portanto, ao setor agroindustrial, definido como aquele encarregado da conservação e transformação da produção agropecuária voltada à alimentação, compete desempenhar similar papel àquele estabelecido para a agricultura como um todo.

Cumprê, portanto, ao setor agroindustrial, permitir que o aumento de oferta, verificado através dos incrementos na produção agropecuária, flua através dos canais de comercialização sem que ocorram perdas neutralizadoras do esforço de mais produzir. A fisiologia pós-colheita, a embalagem, o armazenamento e a transformação compõem o complexo de tecnologias agroindustriais que corroboram a viabilização da política de aumento da produção agrícola - via indireta de combate à inflação. Dentro deste enfoque, a minização das perdas da produção agrícola viria assegurar um adequado escoamento da produção, garantindo que o esforço concentrado na área de produção não se dilua nas etapas posteriores.

Assim, é oportuno afirmar que o posicionamento da agroindústria alimentar, no contexto de uma política de completo abastecimento do mercado interno, é de extrema importância ao se considerar que 1/3 do valor dos alimentos consumidos nos domicílios, ou seja: a terça parte da cesta de mercado de uma família, em termos de gastos monetários, é devido aos produtos alimentícios industrializados.

Em síntese, uma política agroindustrial em compasso com as definições do Modelo Econômico Global contribuiria, sem dúvida, para alcançar, entre outros, os principais objetivos de uma política nacional de desenvolvimento:

- Redução da taxa inflacionária, equilíbrio da balança de pagamentos, aumento da oferta de emprego e estabilização da mão-de-obra rural, ao mesmo tempo em que favorece a descentralização industrial.

- Satisfazer as necessidades básicas da população - alimentação;
- Instrumento hábil no combate à inflação - o item alimentação é o principal componente do Índice de custo de vida;
- Redução das perdas verificadas na produção agropecuária, principalmente aquela referente aos perecíveis agrícolas, com a utilização da tecnologia de conservação e transformação já disponíveis no País;
- Permitir a redução das variações de preços proporcionadas pela sazonalidade da produção que seria minimizada;
- Diversificar a participação no mercado internacional com produtos agroindustriais onde o País apresenta notórias vantagens comparativas e
- Manter o ritmo de crescimento da economia e do número de empregos, já que é um setor que requer baixa dotação de capital, comparativamente a outros setores, na geração de empregos.

